

CONCERTOS

O cínico inquieto

O ano dos espectáculos pop abre com o regresso de um mestre provocador: David Byrne

JOÃO GOVERN

Começou por ser um ideólogo da provocação, confundido com o eclectismo da new wave americana, que tentava acertar o passo na ressaca do punk. Por essa altura, os Talking Heads, de que foi sempre a verdadeira «cabeça falante», contrariavam a tendência e tocavam sentados, no famoso clube CBGB, de Nova Iorque. Passados mais de vinte anos, David Byrne cumpriu uma viagem de escalas, que chegam – e sobram... – para que ele apareça cotado como uma das mais fascinantes personalidades que emergiram na música popular das últimas temporadas, sem esquecer as suas deambulações por outras artes. Realizou filmes e documentários, teve fotografias suas expostas em vários países (Portugal incluído), tornou-se editor ao lançar a Luaka Bop, etiqueta especialmente interessada nas «músicas do mundo», mais uma vez com Portugal no roteiro. Paulo Bragança



DAVID BYRNE

Mais uma vez em Portugal

já teve direito à chancela, o mesmo acontecendo com a música dos PALOP, numa colectânea em que não faltam Cesária, Waldemar Bastos, Paulino Vieira, Bana e André Mingas, entre outros.

Pelo meio, Byrne nunca descurou a sua própria carreira e, agora, ser-lhe-á difícil continuar a desabafar que nunca lhe perdoarão «ter dissolvido os Talking Heads», separação ocorrida após o lançamento de *Naked* (em 1988). A solo, publicou quatro discos de canções e mais um com uma «banda sonora» para um libreto de Robert Wilson, *The Forest* (1991). Como é seu costume, seguiu ao sabor das suas próprias apetências no momento – *Rei Momo* (de 1989) espelha a sua des-

coberta do Brasil e do «resto» da América Latina, juntando-se a este trabalho a «costela africana», que os Heads já tinham explorado, de *Remain in Light* (1980) em diante. Menos diletantes, mas igualmente ricos nos matizes escolhidos, *Uh-Oh* (1992), *David Byrne* (1994) e *Feelings* (1997) confirmaram-no como um cínico capaz de um olhar impiedoso e

original sobre os factos e as personagens mais corriqueiros da vida.

É neste quadro de voluntárias e deliciosas misturas que Byrne – que volta aos palcos portugueses nos próximos sábado e domingo, 14 no Coliseu do Porto, 15 no de Lisboa – gosta de raciocinar sobre o seu próprio percurso: «Quando me dei conta de que os Talking Heads se iam separar tive de fazer um esforço, para que as minhas coisas sássem o mais diferentes possível, de certo modo rejeitando o meu passado. A minha identidade estava tão envolvida com a do próprio grupo que me vi obrigado a distanciar-me dele para averiguar quem eu era.»

Até hoje, nas suas escalas portuguesas, os concertos tiveram sempre doses generosas de surpresas. Desta vez, é isso que se espera, com a incorporação das novas canções (*Fuzzy Freaky*, *Miss America*, *Dance On Vaseline*, *Amnesia* ou *Wicked Little Doll*, entre as melhores) e com o regresso dos «velhos» clássicos, sempre em versões inesperadas. A dar razão ao homem que tem

como declaração de princípios uma ideia tão simples como invulgar nos terrenos da pop. «Não gosto de me repetir». Ainda bem! ■

O ENTUSIASTA DE PORTUGAL

«Para mim, Portugal é um país que ainda está em processo de autocriação e auto-definição. Um processo que, depois de todos estes anos, ainda não acabou! Em tempos recentes, viu-se livre de um governo repressivo, tornou-se membro da CEE e assimilou as pessoas e as influências das suas antigas colónias. Existe entusiasmo no ar. Uma sensação de possibilidade, um sentimento de que as coisas podem e irão existir, apesar de, às vezes, serem demasiado difíceis. (...) E talvez o melhor ainda esteja para vir.» Quem escreve estas palavras é David Byrne, num texto que serve de in-

trodução à sua biografia autorizada, a editar esta semana pela Europa-América (110 páginas, 1390\$00) e escrita pelo jornalista português José Manuel Simões.

Neste intróito, Byrne relata sumariamente as suas «experiências em Portugal», que passaram por compras na Feira da Ladra, passeios a vaguear no Bairro Alto e passagens por «várias vilas pequenas», o contacto com as vozes de Waldemar Bastos e de Paulo Bragança, com a sardinha assada. «Encontrei uma linda melancolia na arte e na música portuguesa e na das suas ex-colónias. Uma doce e amarga dor que inspira e sobre a qual se dança. Uma maneira de usar beleza e sensualidade para absorver e desintegrar a tristeza», sintetiza Byrne.

